

t

riste é o cantar que cantamos

(Na memória de Olimpia de Rianxo, última vítima mortal da violência de género na Galiza)

Agora as mobilizações da Marcha, depois virá um novo 8 de Março... As mulheres saímos à rua para reivindicar o nosso direito a umha existência digna, polo remate das agressões e de toda a violência de género que nos converte a todas em presas fáceis, em vítimas possíveis. Certo, nom todo home é um agressor (polo menos até que demonstre o contrário), mas qualquer mulher pode ser agredida...na empresa, na rua, no cinema, na casa, trabalhando no monte como lhe sucedeu a Olimpia. Nom há lugar nengum onde estejamos salvas, nem sequer nas casas criadas para tal fim. É por isso que as reivindicações se repetem, e nom porque nom tenhamos imaginação nem porque nom haja outras questões a reivindicar nem outras propostas que fazer, senom porque é un chamado de urgência. Está-se a pôr em perigo a nossa sobrevivência. Nom se trata dum feito isolado, de acções individuais sem conexões entre elas. Quando contemplamos os dados no seu conjunto:, umha morte cada quatro dias, 16.000 denúncias por malheiras, violações, acoso no trabalho, impagamento de pensões alimentares... o panorama desenhado nom é o dum conjunto de delitos individuais, é o dumha sociedade enferma na que 50% da população (com um género bem definido) dedica-se a exterminar à outra metade (também com um género claro) já seja por acção directa ou por cumplicidade e permissom. Estamos em guerra. Ou melhor dito, há umha guerra declarada em contra das mulheres e nós ainda nom nos decatamos plenamente. Se calhar há gente a quem esta afirmação lhe soa exagerada, mas a situação define-se por si própria. Ou acaso nom é umha guerra a soma das seguintes circunstâncias:

Toque de queda e estado de sítio: As mulheres nom podemos mover-nos livremente a partir de certas horas e por determinados lugares se queremos

preservar a nossa integridade. Se violamos essa norma nom escrita somos susceptiveis de que alguém «faga alvo» em nós, a menos claro que levemos «salvoconduto» é dizer, que vaiamos acompanhadas por um home.

Bloqueio e assédio económico: 60% da população feminina está desempregada, cobramos menos polo mesmo trabalho, temos mais dificuldades para acceder a um emprego, ocupamos as categorias inferiores, às labregas nom se lhes reconhece o direito a reger umha exploração agrária, a economia submergida nutre-se de nós. Romper essa dinâmica, penetrar no campo laboral (o terreno do inimigo) implica poder ser vítima de acosso sexual, de comentários hostis, ou a realização dum sobre-esforço. Os informes de Cáritas indicam claramente que as bolsas de pobreza no estado Espanhol e no conjunto do primeiro mundo nutrem-se de mulheres separadas com crianças às que, com total impunidade, o home deixa de lhes pasar a pensom alimentar.

Pressom cultural e psicológica: O aparelho de propaganda do «outro bando» tenta convencer-nos do inútil da rebeliom e de que melhor nos iria assumindo a vitória do outro e tirando proveito das migalhas dos vencedores. Ao igual que em muitos conflitos bélicos, a voz susurrante da rádio incitava a desertar, os meios de comunicação indicam-nos qual é o caminho para a nossa felicidade. O crescimento das denúncias contra os anúncios televisivos nom constata senón o aumento de mulheres conscientes dessa agressom.

Violência e torturas: Nom precisa já de comentários. Todas sofremos algumha vez bofetadas mentais dos «companheiros». Todas tentamos reconstruir-nos e repensar-nos, salvando-nos de ser aquilo que dixerom que eramos, subsanando como podíamos as amputaçoms afectivas e psicológicas. Nom todas, mas muitas, sofremos labazadas físicas, golpes, malheiras, mesmo as que som «boinhas e nom dam motivos»: de quando em vez é conveniente fazer castigos exemplarizantes. Tampouco precisam desculpas, o Alto Mando olha para outro lado.

Campos de concentraçom: Centos de mulheres som confinadas em burdeis e bares de estrada. Retidas à força e submetidas aos experimentos que «o que paga» queira fazer. Outras vem-se na obriga de buscar abeiro em campos de refugiadas ou Casas de Acolhida para fugir do terror. A ONU nom fala delas.

Execuçom: Em cada quatro dias umha mulher no estado espanhol é assassinada polo home que se considera o seu proprietário, muitas morrem no acto, outras (as que nom aparecem nas estatísticas) dias depois. O Alto Mando segue olhando ao infinito.

É impensável que todo este armaçom seja só umha questom individual. Precisa da cumplicidade e permissom consciente ou nom de todos os que fazem parte do grupo beneficiário da situaçom. Hai anos que as mulheres vimos denunciando-o. Nom há desculpas para o silêncio masculino e Institucional. Nom há possibilidades de imitar os alemáns que ao descobrirem o horror dos campos de extermínio dixérom «é que nós nom sabíamos». Se todo isto fora exercido por um grupo étnico sobre outro, por um estado sobre outro, por umha classe social sobre outra, como lhe chamariamos?. Cómo lhe chamamos quando é um género sobre outro?. Discriminaçom? Histeria feminina colectiva?... Eu chamo-lle guerra. Cada quem tem que decidir em que bando está e de quem é cúmplice. Se calhar as cousas só cambiariam se nós, as mulheres, as vítimas, decidiramos usar as suas mesmas armas, se cada golpe fosse contestado com outro, se a cada morta lhe sucedesse um cadaver masculino. Mas somos feministas e acreditamos portanto, noutra jeito de fazer as cousas, noutra forma de construçom social. O mais triste é que já o ano passado (e o anterior e o outrò) diziamos o mesmo e aqui estamos e seguiremos explicando as nossas propostas, reivindicando a nossa aposta de futuro e sociedade. E seguiremos saindo às ruas simplesmente para pedir o direito a respirar.

Begonha Caamanho.militante de mng